

Vol. **1** 1772-1894

Cristina Cordeiro

Museus

Centenários
de Portugal

Portugal's Centenary Museums

Fotografia **Photos**
Manuel Aguiar



Introdução no Museu das Comunicações

Introduction at Museum of Communication



Carruagem da Mail-Posta, modelo inglês, 1854. Mail Coach, British model, 1854.

Corria o mês de janeiro de 2017 quando propus ao Dr. Raul Moreira, Diretor de Filatelia dos CTT, o projeto que aqui vos apresento. Uma obra sobre os Museus Centenários de Portugal que, no seu todo, constituem um património museológico quase desconhecido da maioria dos leitores. A ideia, amadurecida durante vários meses, ia ao encontro do interesse despertado pelas emissões de selos postos a circular sobre o tema ao longo dos últimos anos. Recebi a resposta com entusiasmo.

A partir daí, deambulámos pelo país, o Manuel e eu, de museu em museu, vagueando por salas e galerias. Conversámos com diretores, conservadores, curadores e técnicos. Assim nasceu este livro que tomou forma pouco a pouco, ao sabor de muitas horas de pesquisa, de cruzamento de fontes, de reflexão. De aprendizagem, também.

Ao longo do processo de escrita voltámos, não raro, ao local ou ao contacto. Esclarecemos dúvidas. Apurámos a recolha de imagens. Todos nos abriram as portas sem reservas, partilharam connosco a informação disponível. A obra crescia. De um volume, passámos a dois.

O roteiro que aqui se desenha – e é disso que se trata – mais não é do que um convite. Persegue os traços de um tempo a vários tempos. E nele ecoam muitas vozes. Acorda figuras, recupera histórias, de edifícios, de objetos e percursos que fizeram de cada um destes vinte e cinco museus um caso único.

É também o testemunho da enorme vitalidade e resiliência destas instituições centenárias nascidas entre 1772 e 1918 que, após o desaparecimento dos seus fundadores, resistiram às vicissitudes da história e às enormes transformações políticas, económicas, sociais e culturais que marcaram este período complexo, que se prolonga até aos nossos dias. Não foi tarefa fácil!

É uma abordagem jornalística esta que aqui se faz. Sem pretensões académicas ou de crítica de arte. Trata-se de uma obra de carácter generalista, dirigida a um vasto universo de leitores das mais diferentes gerações. Uma publicação bilingue, condensada em dois volumes estruturados em torno de capítulos autónomos organizados cronologicamente.

Impõe-se aqui uma palavra de agradecimento a todos – e foram muitos, acreditem! – os que das mais diversas maneiras contribuíram para levar este navio a bom porto. (A lista, demasiado exaustiva, segue no final da edição). A todos, muito obrigada!

It was the month of January 2017 when I proposed to Mr. Raul Moreira, Director of Philately at CTT, the project that I am now presenting here. It was a volume on the oldest Portuguese museums which, as a whole, constitute a museological heritage almost unknown to most readers. The idea, pondered over several months, aimed to satisfy the interest aroused by the emission of stamps circulated on the theme over the last few years. I was delighted to receive the enthusiastic reply.

From then on, we wandered around the country, Manuel and I, from museum to museum, strolling through rooms and galleries. We talked to directors, conservators, curators and technicians. And so, little by little, and after many hours of research, cross-referencing sources, reflection and, indeed, learning, this book took shape.

Throughout the writing process, we returned to museums, or our contacts there, time and again. We clarified doubts. We took pictures. Everyone opened their doors to us and shared the available information unreservedly. The work grew. The planned single volume soon became two.

This suggestion of a guide – and that is what it is – is nothing more than an invitation. It follows traces of a time at different moments. And various voices echo throughout. It brings figures back to life, retrieves stories of buildings, objects and paths that have made each of these twenty-five museums unique.

It is also a testimony to the enormous vitality and resilience of these long-established institutions, founded between 1772 and 1918, which, after the disappearance of their founders, resisted the vicissitudes of history and the tremendous political, economic, social and cultural transformations that marked this complex period, and continue to do so. It was no easy task!

The approach here has been journalistic. The text has no pretensions towards academia or art criticism. It is aimed at common readers of all ages. A bilingual publication, it has been condensed into two volumes structured around chronologically organised autonomous chapters. A word of thanks is due to everyone – and there were many, believe me! – who was involved in helping, in various ways, to bring this ship to safe harbour. (The long, long list comes at the end of the book). To one and all, thank you so much!



Núcleo da Nova
Regulação do Correio.
Séculos XVIII e XIX.

New Post
Regulation Section.
18th and 19th century.



Carta de Confirmação
do Ofício de Correio-Mor,
mandada passar por D. José I
a José António de Sousa
Coutinho da Mata em 1756,
com transcrição dos alvarás
destruídos pelo terramoto
de 1755.

Letter of Confirmation for
the Office of Postmaster
General, sent by the King José I
to José António de Sousa
Coutinho da Mata in 1756,
with the permits
destroyed in the 1755
earthquake transcribed.

A história do correio remonta ao ano de 1520, quando D. Manuel I (1469-1521) criou o ofício de correio-mor, nomeando para o cargo Luís Homem, cavaleiro da Casa Real. Nesse ano, nascia o serviço público que só no final do século XVII ganharia verdadeira expressão e organização.

Até lá, a entrega de mensagens e encomendas era um serviço irregular e demorado, dependente de uma distribuição feita a pé ou a cavalo, de acordo com a distância a percorrer, estando o portador sujeito aos ataques de salteadores que lhe saíam ao caminho, por estradas incipientes e atalhos de terra batida. Ser correio era uma profissão de alto risco e cada um se defendia como podia. Para lá das fronteiras geográficas, o transporte do correio era feito por mar, aproveitando as rotas comerciais do império.

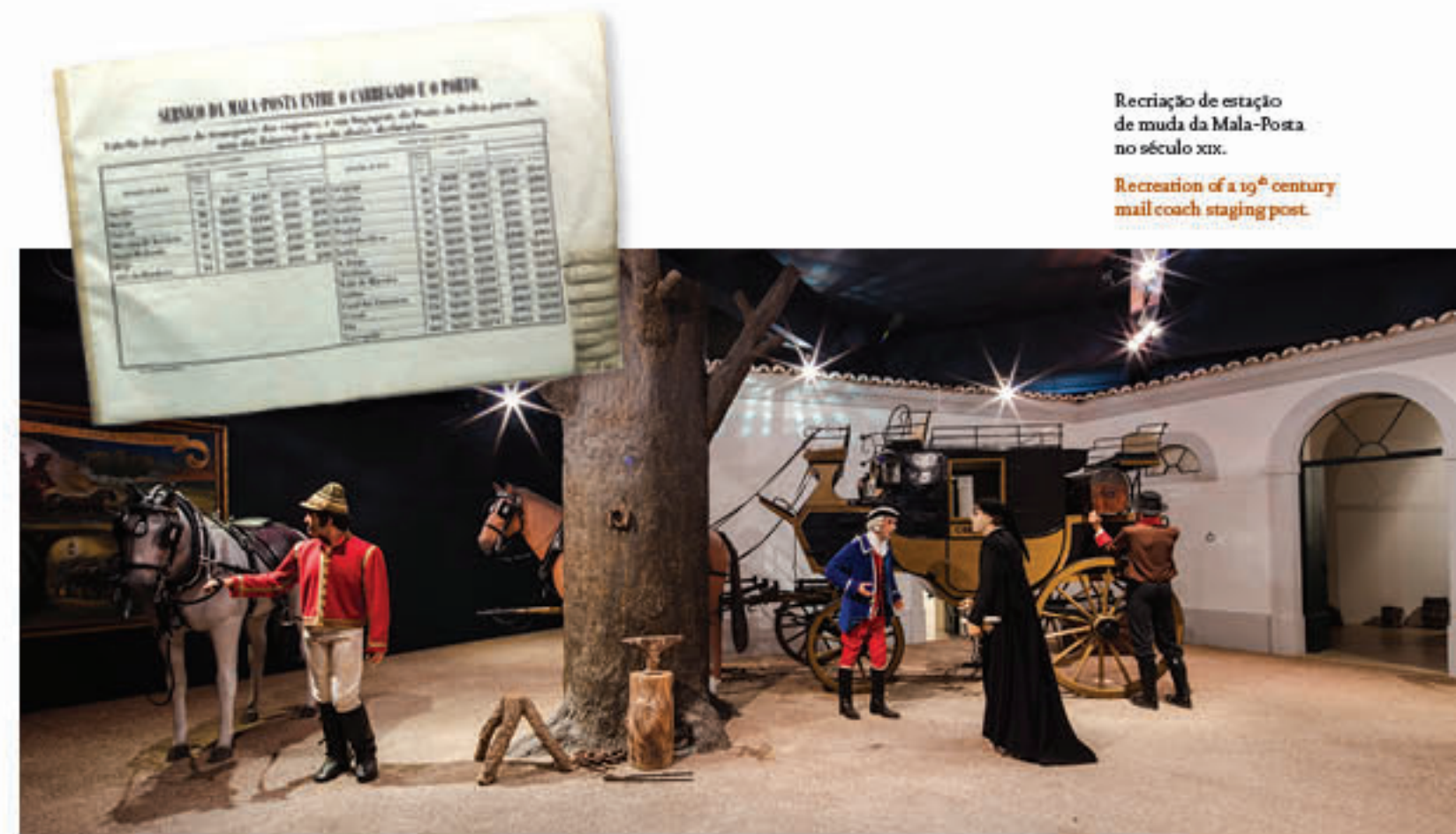
Assim aconteceu durante quase dois séculos até que, em 1797, D. Maria I (1734-1816) extinguiu o cargo de correio-mor. Em 1799, D. José Diogo de Mascarenhas Neto (1752-1824) foi nomeado superintendente-geral das Estradas e superintendente-geral do Correio e Postas do Reino. Era tempo de reorganização. Dois novos serviços deram então os primeiros passos: a entrega de correio ao domicílio na cidade de Lisboa; e a primeira carreira da Mala-Posta, uma carruagem puxada a quatro cavalos que transportava pessoas, correio e bagagem ao longo de um percurso pontuado por várias estações de muda que funcionavam como entrepostos para a troca de cavalos. A pernoita e as refeições dos passageiros eram garantidas por estalagens.

Tabela de preços para
o transporte de viajantes
na Mala-Posta.
Século XIX.

Price table for passengers
travelling by the mail coach.
19th century.

The history of the postal service goes back to 1520, when the King Manuel I (1469-1521) created the office of Postmaster General, appointing Luís Homem, knight of the Royal Household to the post. The public service was born in that year, although it was only in the late 17th century that it would become fully operational.

Until then, the delivery of messages and orders was slow and irregular, with distribution being made on foot or horseback, according to the distance to be travelled. The first 'postmen', moreover, were often subject to attacks from robbers who would surprise them on rough tracks or dirt roads. Delivering the post was a high-risk profession, and each defended himself as best he could. Beyond the geographical borders, post went by sea, taking advantage of the empire's trading routes. This was the situation for almost two centuries until, in 1797, Queen Maria I (1734-1816) abolished the office of the Postmaster General. In 1799, José Diogo de Mascarenhas Neto (1752-1824) was appointed superintendent-general of both Highways and the Postal Service of the Realm. It was time for reorganisation. Two new services appeared: the home delivery of post in the city of Lisbon; and the first mail coaches, four-horse drawn carriages that carried people, post and luggage along a route with several stops that functioned as staging posts to change the horses. The overnight stay and meals of the passengers were provided by inns.



Recriação de estação
de muda da Mala-Posta
no século XIX.

Recreation of a 19th century
mail coach staging post.

1772 Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

Antigo Gabinete de História Natural

University of Coimbra
Science Museum

Formerly the Natural History Cabinet



Criado em 1772 – quatro anos após a fundação do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, de cujas coleções entretanto dispersas recebeu importantes remessas de objetos, e integrado no Museu da Ciência em 2006 –, o Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra é hoje o mais antigo museu português. Guardião de grande parte das coleções científicas da Universidade, o Museu da Ciência assume-se como um projeto de gestão conjunta de instituições que, apesar de reunidas sob um só nome, não perderam a sua identidade.

A figura de Domingos Vandelli (1735-1816) é indissociável da história deste museu. Nascido em Pádua onde se fez naturalista, Vandelli viajou para Lisboa em 1764, a convite do Marquês de Pombal (1699-1782), para lecionar História Natural no Real Colégio dos Nobres, o que nunca chegou a acontecer. Mas o seu nome ficaria para sempre associado a dois momentos pioneiros: a criação do Jardim Botânico da Ajuda, o mais antigo do país, e a do Real Museu da Ajuda, o primeiro museu português. Essa, porém, é uma história que contaremos mais à frente.

Importa, sim, reter aqui que, a pedido de Pombal, o naturalista italiano rumou depois a Coimbra, assumindo o lugar de lente de Química e de História Natural, curso criado na sequência da reforma do ensino impulsionada pelo Marquês ao longo do último quartel do século XVIII. Vandelli seria um dos fundadores do Gabinete de História Natural da Universidade (foi aliás o seu primeiro diretor), promovendo também a implantação do Jardim Botânico.

Criado no seio de uma Universidade pública e vocacionado para o ensino, o à época Gabinete de História Natural, já designado como museu nos estatutos de 1772, é hoje o mais antigo museu do país a resistir até aos nossos dias.

The Gabinete de História Natural da Universidade de Coimbra (Coimbra University Natural History Cabinet) is the oldest Portuguese museum. It was created in 1772, four years after the founding of the Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (Royal Museum and Ajuda Botanical Garden) from whose collections – now dispersed – it received consignments of important exhibits. It was incorporated into the Museu da Ciência (Science Museum) in 2006. The custodian of most of the university's scientific collections, the Museu da Ciência is a project jointly managed by various institutions that, although reunited under a single name, have not lost their individual identities.

Domingos Vandelli (1735-1816) is an inseparable figure from the history of this museum. Born in Padua, where he became a naturalist, Vandelli travelled to Lisbon in 1764, at the invitation of the Marquis of Pombal (1699-1782), to teach Natural History at the Real Colégio dos Nobres (the Royal College of Nobles), which never actually happened. His name, however, would always be associated with two pioneering moments: the creation of the Ajuda Botanical Gardens, the oldest in the country, and the Real Museu da Ajuda, the first Portuguese museum. This, however, is a story that will be told later.



Sala do Mar.
Galeria de História Natural.

Sea Room.
Natural History Gallery.

Seguimos em frente. Dois esqueletos – o de uma baleia comum, com cerca de vinte metros, e o de uma orca assassina –, ocupam o centro da Sala do Mar, dedicada aos tubarões da costa portuguesa, a alguns mamíferos marinhos – todos eles taxidermizados, por oposição às réplicas em resina hoje mais comuns – e ainda a todo um acervo de peixes comerciais da nossa costa. Uma coleção histórica, datada já do século XIX, à exceção das conchas, grande parte das quais recolhida ainda em Setecentos.

Segue-se a Sala de África, inaugurada em 1883. Uma *Welwitschia mirabilis*, originária do deserto angolano, cria a atmosfera para a coleção de aves, mamíferos e répteis provenientes de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau, África do Sul, São Tomé e Príncipe e Madagáscar. Ao centro, crânios de felídeos (*vulgo* felinos) e antílopes, para além de um crocodilo e de uma píton constritora, ambos de grandes dimensões.

Numa exposição dedicada à identidade de Moçambique através da biodiversidade, mostram-se objetos etnográficos fabricados a partir de animais e plantas.

Segue-se a Sala das Avestruzes. Três exemplares enormes – dois machos e uma fêmea (esta muito antiga, retirada das reservas) acompanhada de um ovo – dão o mote ao espaço que, no século XIX, mais não era que uma sala de répteis e anfíbios conservados em líquido. Dada a inexistência de reservas modernas, lá permanecem até hoje os frascos que enchem os armários que forram as paredes.

O circuito completa-se com a Sala de Portugal, dedicada à fauna ibérica. Exemplares raros – como a cabra-do-gerês, subespécie já extinta; o urso, que hoje só existe no Norte da Espanha; o linco-ibérico, recentemente reintroduzido no território nacional a partir de animais criados em cativeiro; ou a águia-imperial – ombreiam com uma coleção de aves de Portugal e também com veados, gamos, corços, uma mula e até uma pequena galeria de animais domésticos.

Terminada a aventura, vem-nos à memória uma frase de Einstein: «Todo o conhecimento da realidade começa e acaba nela»³.

Let's continue. Two skeletons – one of a common whale, about twenty metres long, and one of a killer whale – occupy the centre of the Sea Room. The room is otherwise dedicated to sharks from the Portuguese coast, and to some marine mammals. They are all stuffed, as opposed to the resin replicas more common today. The room also displays a complete collection of commercial fish from the Portuguese coast. A historical collection, dating as far back as the 19th century, except for shells, many of which were collected in the century before.

We next come to the Africa Room, inaugurated in 1883. A *Welwitschia mirabilis*, originally from the Angolan desert, creates the environment for the collection of birds, mammals and reptiles from Angola, Mozambique, Guinea-Bissau, South Africa, São Tomé e Príncipe, and Madagascar. In the centre, there are skulls of various types of cat and antelopes, as well as a large crocodile and a python.

Besides these, a display of Mozambique's biodiversity exhibits ethnographic objects made from animals and plants.

Next is the Ostrich Room. Three enormous specimens – two males and a female (a very old specimen this, taken from the reserves) along with an egg – are the reason behind the room's name that, in the 19th century, simply kept reptiles and amphibians in liquid. Given the inexistence of modern reserves, the jars that fill the cabinets lining the walls remain there to this day.

The circuit is completed by the Portugal Room. Dedicated to Iberian fauna, it houses rare specimens like the now extinct Gerês goat; the Iberian bear, which today only exists in northern Spain; the Iberian lynx, recently reintroduced to Portugal from captive-bred animals; or the Iberian imperial eagle. There is also a collection of Portuguese birds and red deer, fallow deer, roe deer, a mule and even a small gallery of domestic animals.

As the adventure ends, a phrase from Einstein comes to mind: "All knowledge of reality starts from experience and ends in it."³

³ Albert Einstein, *The World as I See It*, 1954.

³ Albert Einstein, *The World as I See It*, New York, 1954.

1833 Museu Nacional de Soares dos Reis

Antigo Museu Portuense

Soares dos Reis National Museum

Formerly the Museum of Porto



Fundado no Porto no ano de 1833, o Museu Portuense de Pinturas e Estampas, atual Museu Nacional de Soares dos Reis, é hoje o mais antigo museu público de arte do país.

D. Pedro IV (1798-1834) perfila-se como figura tutelar deste museu por ele fundado em pleno Cerco do Porto, num momento em que as tropas miguelistas, estacionadas na serra do Pilar, na outra margem do rio, atacavam a cidade, apontando as baterias ao quartel-general dos liberais instalado no Palácio dos Carrancas. Fundar um museu em tempos de guerra é um ato revolucionário, um gesto de afirmação e de confiança no futuro. Duplamente simbólico será por isso o pedido do rei a Alexandre Herculano (1810-1877) para que fosse buscar a Coimbra uma espada atribuída a D. Afonso Henriques (1109-1185), verdadeiro ritual de sacralização do novo museu e da dinastia que naquela guerra civil se refundava.

Instalado no Convento de Santo António da Cidade, em São Lázaro, o à época Museu Portuense mudou de casa um século mais tarde quando os fios da história se cruzaram para tecer o seu futuro. Em 1940, o Palácio dos Carrancas tornava a entrar em cena para assumir novo papel. O edifício acolhe até hoje o Museu Nacional, rebatizado em 1911 com o nome de Soares dos Reis (1847-1889), um dos vultos maiores da escultura portuguesa do século XIX.

Founded in Porto in 1833, the Museu Portuense de Pinturas e Estampas (the Porto Museum of Paintings and Prints), now the Museu Nacional de Soares dos Reis (the Soares dos Reis National Museum) is the oldest public art museum in the country.

King Pedro IV (1798-1834) was the major figure in the museum's creation, which he founded during the Siege of Porto. The Absolutist troops, under the command of his brother, Miguel, who were stationed in the Serra do Pilar, on the other side of the river, attacked the city, shelling the Liberal headquarters in Carrancas Palace. To found a museum in wartime is a revolutionary act, a gesture of affirmation and confidence in the future. The king's request to Alexandre Herculano (1810-1877) that he would go to Coimbra and bring back the sword attributed to the King Afonso Henriques (1109-1185) was therefore doubly symbolic: a true consecration ritual for the new museum and of the dynasty that would be refounded by the Civil War.

Initially in the Convent of Santo António da Cidade, in São Lázaro, the then Museu Portuense moved house a century later, when the threads of history crossed to weave its future. In 1940, the Carrancas Palace re-entered the scene to take on a new role. The building still houses the Museu Nacional, renamed, in 1911, after Soares dos Reis (1847-1889), one of the greatest figures of 19th century Portuguese sculpture.



O Museu Nacional de Soares dos Reis reúne hoje todo um espólio artístico resultante dos bens provenientes dos conventos abandonados do Porto, ao qual foram acrescentados os fundos de outros, entretanto extintos, evitando assim a sua dispersão. Entre eles, contam-se os fundos de Tibães e de Santa Cruz de Coimbra. Mais tarde, chegaram também as coleções do Museu Municipal do Porto (herdeiro do Museu Allen), onde assumem especial destaque a pintura, a arqueologia, a lapidária, a numismática e as artes decorativas; para além do espólio de ourivesaria da Mitra do Porto, e da coleção de cerâmica do extinto Museu Comercial e Industrial do Porto. A origem diversa das coleções explica o ecletismo do acervo, cerca de dezoito mil peças (sem contar com a documentação afeta), consolidado e expandido ao longo dos anos.

Galeria de pintura e escultura de transição do século XIX para o século XX.

Painting and sculpture gallery in transition from the 19th to the 20th century.

The Museu Nacional de Soares dos Reis brings together an entire artistic collection initially based on items coming from the abandoned convents of Porto. Over the years, works from other religious buildings, also abandoned in the interim, have been added, so as to prevent their dispersal. Among them are deposits from Tibães and Santa Cruz de Coimbra. Later, the collections of the Museu Municipal do Porto (Porto Municipal Museum) (heir to the Museu Allen) were added, where the focus is on painting, archaeology, lapidary, numismatics and the decorative arts. In addition came the Mitra do Porto (the Porto diocese) jewellery collection, and the ceramics from the now closed Museu Comercial e Industrial do Porto (the Porto Commercial and Industrial Museum). The eclecticism of the collection is explained by its diverse origins: about 18,000 pieces (not counting documentation), consolidated and expanded over the years.

Condução do Rebanho.
António Silva Porto, 1893.
Óleo sobre tela.

Driving the Flock.
António Silva Porto, 1893.
Oil on canvas.



1851 Museu Militar de Lisboa

Antigo Museu de Artilharia

Lisbon Military
Museum

Formerly the Artillery Museum

Meio canhão, Holanda,
século XVII.

Half cannon, Netherlands,
17th century.



Situado hoje na zona ribeirinha de Lisboa, junto a Santa Apolónia, o museu foi fundado em 1851, nas instalações do antigo Arsenal Real do Exército, com a designação de Museu de Artilharia. Só em 1926 passaria a Museu Militar.

No ano de 1973 os jornais noticiavam um acontecimento invulgar: o roubo de um par de pistolas ricamente ornamentadas a ouro e prata, fabricadas em 1817 por Thomaz José de Freitas, mestre armeiro do Arsenal Real de Lisboa e pertença do rei D. Pedro IV (1798-1834). O ladrão, soube-se depois, escondera-se atrás do antigo relógio da fundição até o museu fechar, subtraindo durante a noite algumas peças fáceis de transportar. Entre elas, o valioso par de pistolas de duelo. Preso mais tarde, não tinha já na sua posse o espólio do roubo – vendera-o a um colecionador alemão entretanto falecido, que, veio a saber-se, deixara ao filho as pistolas de herança, detetadas em 1991 num catálogo de leilão da Christie's, em Londres. O Estado português tentou recuperá-las sem sucesso, uma vez que os tribunais alemães concluíram que era legítima a propriedade das armas, posteriormente vendidas a um colecionador português.

Located today in the riverside area of Lisbon, near Santa Apolónia, the museum was founded in 1851, on the premises of the former Arsenal Real do Exército (Army Royal Arsenal), and called the Museu de Artilharia (Artillery Museum). It was only in 1926 that it became the Museu Militar (Military Museum).

In 1973, the newspapers were full of an unusual event: the theft of a pair of pistols, richly ornamented in gold and silver, made in 1817 by Thomaz José de Freitas, master armorer of the Arsenal Real de Lisboa (Lisbon Royal Arsenal) and belonging to King Pedro IV (1798-1834). The thief, it was later discovered, had hidden behind the old foundry clock until the museum closed, taking away some easy to carry pieces at night. Among them, the valuable pair of duelling pistols. When arrested, he was no longer in possession of the stolen property, having sold it to a German collector, who had since died and, it was learnt later, had left the pistols to his son. In 1991, they were discovered in a Christie's auction catalogue, in London. The Portuguese State tried to recover them without success, since the German courts concluded that the ownership of the arms was legitimate, and they were later sold to a Portuguese collector.



Pistola
da Casa Real portuguesa,
1817.

Pistol
from the Portuguese
Royal Household,
1817.

Espalhado Tigre.
Nas paredes, telas de Carlos Reis evocam a descoberta do caminho marítimo para a Índia. Sala Vasco da Gama.

The Spreading Tiger.
Carlos Reis' wall paintings depict the discovery of the sea route to India. Vasco da Gama Room.



Entre as mais importantes peças de artilharia do museu, lugar de destaque às assinadas pelo mestre fundidor seiscentista Manuel Tavares Bocarro, facilmente reconhecíveis pelo símbolo da figa. Com os Bocarro, pai e filho, a tradição dos fundidores portugueses atravessou o mundo, ganhando expressão no Oriente onde deixaram a sua marca em canhões e sinos de ferro e de bronze, para além de estatuária, tudo produzido na fundição que criaram, primeiro em Goa, depois em Macau. Espalhadas pelo Oriente – Indonésia, Malásia, China e Japão – estas peças despertam hoje o interesse de colecionadores e académicos. Curiosamente, um século antes dos

Among the museum's most important artillery pieces, a prominent place is assigned to those made by the 17th century Master Founder, Manuel Tavares Bocarro, easily recognisable by his lucky 'fig' sign. The Bocarrós, father and son, spread the tradition of Portuguese founders across the world, particularly in the Orient, where they left their mark on cannons and iron and bronze bells, besides statuary, all produced in the foundry they created first in Goa and then in Macau. Scattered throughout the Orient – Indonesia, Malaysia, China and Japan – these pieces are of great interest today to collectors and scholars. Curiously, a century before the Bocarrós, the first Portuguese arrived in Japan, and with them the hitherto unknown firearms. The chronicler António Galvão (c. 1490-1557) tells us of this in his



Pátio dos Canhões.
Canon Courtyard.

1858 Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa

National Museum
of Natural History and Science
University of Lisbon



Exposição «Lembranças com milhões de anos».
Fóssil de peixe, *Priscacara* sp.
Formação Green River, época
do Eocénico (cerca 40 milhões
de anos).
Wyoming, EUA.
Coleções de Paleontologia,
Universidade de Lisboa.

“Memories of millions of years”
exhibition.
Fish fossil, *Priscacara* sp. Green
River Formation, Eocene Age
(c. 40 million years).
Wyoming, USA. Paleontology
Collections, Lisbon University.
MUHNAC - II.71

Dois são os fios do tempo que convergem na criação deste museu. De um lado, a genealogia e toda uma história do lugar, associado ao saber desde tempos remotos; do outro, o trajeto das coleções científicas provenientes do Real Museu da Ajuda, criado em 1768 por iniciativa do Marquês de Pombal (1699-1782). Duas linhagens que entroncam em 1858 quando, por decreto de D. Pedro V (1837-1861), é fundado o Museu Nacional de História Natural, hoje MUHNAC – Museu Nacional de História Natural e da Ciência. É uma saga rocambolesca, esta, marcada por um terramoto, três incêndios e inúmeras peripécias políticas: expulsões, perseguições, invasões, fugas, uma guerra civil. Foi assim que aconteceu.

A origem das coleções O Real Jardim Botânico da Ajuda nasceu em 1765, dez anos após o terramoto que assolou Lisboa. Criado por ordem do rei, a pedido do Marquês de Pombal, foi projetado por Domingos Vandelli (1735-1816), naturalista de Pádua, que chegou a Portugal a convite do Marquês de Pombal para lecionar História Natural no Real Colégio dos Nobres, estabelecimento de ensino destinado a jovens aristocratas, por ele criado no antigo Noviciado da Cotovia, após a expulsão dos jesuítas.

Foi implantado este jardim junto à «Real Barraca», palácio de madeira mandado erguer por D. José I (1714-1777) na encosta da Ajuda, ponto alto afastado do rio e da cidade em ruínas. Nos dias que se seguiram à tragédia, jurara o rei, assombrado para sempre pela destruição causada pelo cataclismo, não mais dormir em casa de pedra e cal. Jurou e cumpriu: na «Real Barraca» residiu até ao fim da sua vida.

Two strands of time converged in the creation of this museum. On the one hand, the genealogy and entire history of the place, associated with knowledge for centuries; on the other, the paths taken by the scientific collections from the Real Museu da Ajuda (the Ajuda Royal Museum), created in 1768 on the initiative of the Marquis of Pombal (1699-1782). The convergence came in 1858 when, by the royal decree of King Pedro V (1837-1861), the Museu Nacional de História Natural (the National Museum of Natural History), now known as MUHNAC – Museu Nacional de História Natural e da Ciência (the National Museum of Natural History and Science) was created. It is a rollercoaster of a saga, marked by an earthquake, three fires and numerous political mishaps: expulsions, persecutions, invasions, escapes and a civil war. Seemingly incredible, perhaps, but that's what happened.

The origin of the collections The Real Jardim Botânico da Ajuda (Royal Ajuda Botanic Garden) was created in 1765, ten years after the earthquake that struck Lisbon. Commissioned by the king, at the request of the Marquis of Pombal, it was designed by Domingos Vandelli (1735-1816), a naturalist from Padua, who arrived in Portugal at the Marquis' invitation to teach Natural History at the Real Colégio dos Nobres (Royal College of Nobles). This was a teaching establishment for young aristocrats, installed in the former Noviciado da Cotovia (Cotovia Novitiate), after the expulsion of the Jesuits.

This garden was planted next to the “Real Barraca” (literally, the “Royal Shack”), a wooden palace built by the King José I (1714-1777) on a high point of the Ajuda slope, away from the river and ruined city. In the days after the tragedy, and haunted forever by the destruction caused by the cataclysm, the king had sworn to no longer sleep in stone and lime. He kept his oath: he lived in the “Real Barraca” until the end of his life.

Criada em 1837 pelo visconde de Sá da Bandeira (1795-1876), político liberal e maçom ilustre, à época ministro da Guerra e da Marinha, a Escola Politécnica de Lisboa foi instalada no edifício do Real Colégio dos Nobres fundado pelo Marquês de Pombal. Corria o ano de 1761. A ligação do edifício ao saber remontava a 1619 quando aí se sediara o Colégio e Noviciado da Cotovia, encerrado em 1759, por ordem do Marquês, após a expulsão da Companhia de Jesus.

A estrutura arquitetónica original – igreja ao centro, duas alas laterais de dois andares cada e os claustros – concluída em 1616 sob orientação de Baltazar Álvares (1560-1630), sofreu intervenções várias ao longo dos tempos. Carlos Mardel (1695-1763) conta-se entre os arquitetos que trabalharam no seu restauro após o terramoto de 1755 que afetou gravemente as instalações. Mas, em 1843, um violento incêndio obrigou a uma intervenção de fundo. A refuncionalização do espaço correspondeu ao espírito dos tempos.

Data desta altura a construção do *Laboratório Chimico* – até aí improvisado no velho refeitório do Colégio dos Nobres – e do *Amphiteatro* adjacente, dois espaços belíssimos, hoje raros, gizados por João Pedro Monteiro e Pierre-Joseph Pezarat (1801-1872), engenheiros-arquitetos que projetaram também o átrio de entrada, de sabor neoclássico, no lugar da antiga igreja, junto ao qual se encontra hoje o túmulo de Fernão Telles de Menezes (1530-1605), figura tutelar deste lugar.

Perspetiva geral do
Laboratório Chimico
construído
no século XIX.

General view of the
Laboratório Chimico
(Chemical Laboratory)
built in the 19th century.

Founded in 1837 by the Viscount of Sá da Bandeira (1795-1876), Liberal politician and illustrious Freemason, then Minister of War and Navy, the Lisbon Escola Politécnica was installed in the building of the Real Colégio dos Nobres founded by the Marquis of Pombal. This was in 1761. The link to the building dates back to 1619, when it was based in the Colégio e Noviciado da Cotovia (Cotovia College and Noviciate), which was closed in 1759 by the Marquis, after the expulsion of the Jesuits.

The original architectural structure – central church, two side wings with two floors each and the cloisters – completed in 1616 under the supervision of Baltazar Álvares (1560-1630), has undergone various work campaigns over the ages. Carlos Mardel (1695-1763) is among the architects who worked on its restoration after the 1755 earthquake. In 1843, however, a devastating fire meant fundamental reconstruction work. The reuse of the space corresponded to the spirit of the times.

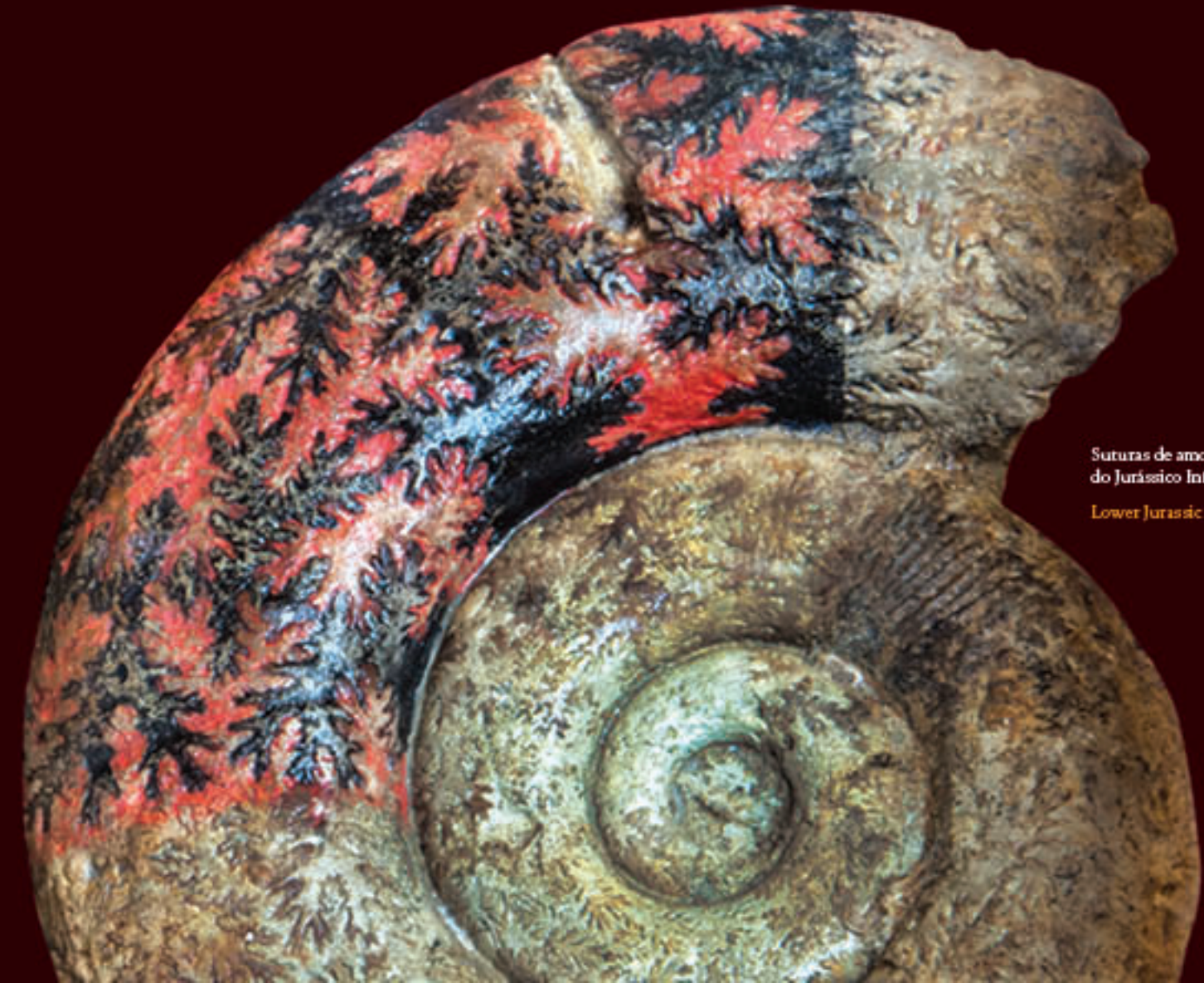
Dating from this period, the construction of the *Laboratório Chimico* (Chemistry Laboratory) – hitherto improvised in the former Real Colégio dos Nobres' refectory – and of the adjacent Amphitheatre, two beautiful and rare spaces, was the work of João Pedro Monteiro and Pierre-Joseph Pezarat (1801-1872), architects and engineers who also designed the neo-classical entrance hall, in place of the old church, next to the tomb of Fernão Telles de Menezes (1530-1605), a highly significant figure in the building's history.



Museu Geológico de Lisboa

circa 1860

Lisbon Geological Museum



Suturas de amonites
do Jurássico Inferior.

Lower Jurassic ammonite sutures.

A mais importante e completa coleção de geologia do país encontra-se aqui, neste museu fundado *circa* 1860, no seio da Comissão Geológica do Reino que tinha como missão estudar o subsolo português, avaliar os seus recursos geológicos e traçar a primeira carta geológica do país. Integrada hoje no Laboratório Nacional de Energia e Geologia (LNEG), sem ligação à Academia das Ciências de Lisboa, com ela partilha o mesmo edifício, situado no coração do Bairro Alto, em Lisboa.

Há cerca de doze milhões de anos, num tempo conhecido por época do Miocénico, o vale de Chelas era uma espécie de pantanal amazónico banhado pelas águas dos mares e habitado por um antepassado muito antigo do crocodilo. Mastodontes (da família dos elefantes), rinoceron-tes e hipopótamos passeavam-se também sem problemas pela atual freguesia de Marvila, situa-da na região oriental de Lisboa.

Não é uma história de «Era uma vez...» a que aqui se conta. A prová-lo está o crânio de um réptil gigante, uma das estrelas da exposição permanente do museu que, apesar de centenário, é ainda um segredo bem guardado da cidade de Lisboa. Percorrer a sua coleção é desvendar a história do país, camada por camada, região a região, através dos vestígios geológicos.

Portugal's most important and complete collection of geology is to be found here in this museum founded c. 1860, housed at the headquarters of the Comissão Geológica do Reino (Geological Commission of the Realm). The Commission's mission was to study the Portuguese subsoil, evaluate its geological resources and draw the first geological chart of the country. It is part of the Laboratório Nacional de Energia e Geologia (National Laboratory of Energy and Geology) (LNEG) and shares the same building in the heart of the Bairro Alto, Lisbon with the Academia das Ciências (Academy of Sciences), although it has no working connection with the Academy.

About 12 million years ago, at a time known as the Miocene, the Chelas Valley was a kind of Amazonian wetland bashed by the sea and inhabited by a very ancient ancestor of the crocodile. Mastodons (of the elephant family), rhinoceroses and hippopotamuses also strolled through what today is Marvila, in east Lisbon.

It is not a "Once upon a time..." story, however, that is told here. To prove it, we meet a giant reptile's skull, one of the stars of the museum's permanent exhibition which, despite being well over a century old, is still a well-kept Lisbon secret. Going through its collection is to uncover the history of the country, layer by layer, region by region, through its geological remains.

Carlos Ribeiro considerou desde logo prudente uma ligação à Universidade. Pouco depois, convidava Pereira da Costa (1809-1889), médico por formação, mais tarde lente de Mineralogia e Geologia da Escola Politécnica de Lisboa, a partilhar com ele a direção do projeto. E tomou, desde logo, Nery Delgado (1835-1908) como seu adjunto. Nery Delgado frequentara o Colégio Militar, mais tarde a Escola Politécnica, integrando, já subtenente de Engenharia, a comissão encarregue de estudar as inundações do Mondego, no âmbito do Ministério das Obras Públicas.

Juntos, estes três homens estão na génese do Museu Geológico de Lisboa nascido, *circa* 1860, em torno dos materiais recolhidos pelos coletores, brigada de auxiliares de campo treinados por Ribeiro e Delgado. O museu nasceu e cresceu no seio da comissão sediada, desde 1859, num segundo andar do Convento de Jesus, edifício partilhado com a Academia das Ciências.

O seu fundo inicial reunia fósseis, minerais, rochas, material colhido e posteriormente separado, limpo e etiquetado e só então guardado para ser estudado ao detalhe. Assim se foram constituindo as coleções, agrupadas consoante a idade das rochas.

A datação dos achados (fossem eles rochas ou minerais, fósseis ou artefactos) foi, desde a primeira hora, uma questão essencial à compreensão das épocas em estudo. Só através dela foi possível dar voz às peças mudas. Integrá-las numa linha de tempo. Encontrar-lhes um sentido. Para além do valor estético, muitas vezes inegável, a importância dos fósseis para a determinação da idade dos estratos geológicos que lhe serviam de contexto era também por demais evidente.

Carlos Ribeiro immediately considered it wise to establish a university connection. He invited Pereira da Costa (1809-1889), a doctor by training, and later a lecturer in Mineralogy and Geology at the Escola Politécnica de Lisboa (Lisbon Polytechnic School), to share the running of the project with him. He also immediately took on Nery Delgado (1835-1908) as his deputy. Delgado had attended the Colégio Militar (Military School) and, later, the Escola Politécnica. As a Lieutenant Engineer, he joined the commission responsible for studying the Mondego floods, within the scope of the Ministry of Public Works.

Together, these three men would create the Museu Geológico de Lisboa (Lisbon Geological Museum) in around 1860, based on the materials collected by a brigade of field assistants trained by Ribeiro and Delgado. The museum was founded and flourished at the heart of the commission that, from 1859, had been based on the second floor of the Convento de Jesus, a building shared with the Academia das Ciências.

Its initial reserve was filled with fossils, minerals and rocks: material that was gathered and, later, separated, cleaned, labelled and then stored for detailed study. The collections were thus grouped according to the age of the rocks.

The dating of the findings (whether rocks or minerals, fossils or artefacts) was, from the very start, an essential question to the understanding of the epochs being studied. It was only through dating that these mute pieces could speak. They had to be put in a timeline. Their meaning had to be found. In addition to their often undeniable aesthetic value, the importance of the fossils in determining the age of the geological strata they were part of was also clearly evident.

Perspetiva geral
da Sala de Paleontologia
e Estratigrafia.

General view of the
Palaeontology and
Stratigraphy Room.



Museu 1864 Arqueológico do Carmo

Carmo Archaeological Museum



O Museu Arqueológico do Carmo abriu as suas portas em 1864 nas ruínas do Convento do Carmo, em Lisboa. Foi fundado no seio da Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses (hoje AAP), à qual D. Luís I (1838-1889) concedeu a gestão do edifício, marcado por décadas de degradação e incúria. Apostada na salvaguarda do monumento, a instituição tutelada por Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) devolveu-lhe a dignidade de outrora. Daí para cá, o edifício e a coleção que nele se acolhe formam um todo indissociável que suscita continuamente novas leituras.

Para compreender este lugar é preciso mergulhar na espessura do tempo e desconstruir, camada por camada, o longo processo de sedimentação de vivências que atravessa os séculos, pondo a descoberto um painel complexo de materiais, histórias e emoções, indissociável da história de Lisboa e do país. Começamos pelo convento, obra de escala invulgar, mandado erigir por Nuno Álvares Pereira (1360-1431), no cimo de uma colina fronteira ao Castelo de São Jorge, para assinalar a vitória de Aljubarrota. Construir um edifício desta envergadura frente à moradia do primeiro rei de Portugal, disputando com a Sé o protagonismo, é um gesto simbólico que não passa despercebido. Só o peso político deste aristocrata, recompensado por D. João I (1357-1433) com quase um terço do país em troca do apoio prestado à nova dinastia de Aviz, lhe garantiria a permissão régia para tal aventura. O que por si só não seria suficiente. Um selo da bula papal do século XIV (peça em chumbo com a inscrição «Bonifatius PP VIII», referência ao papa que ordenou a sua emissão), descoberto na sepultura de Nuno Álvares Pereira, dá-nos uma perspetiva mais alargada da ousadia. O selo encontra-se em exposição no interior do museu.

The Museu Arqueológico do Carmo (Carmo Archaeological Museum) opened its doors in 1864 in the ruins of the Carmo Convent in Lisbon. It was founded by the Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses (Royal Association of Portuguese Civil Architects and Archaeologists (now AAP) to which King Luís I (1838-1889) granted the management of the building, which was marked by decades of degradation and neglect. Set up to safeguard the monument, the institution – headed by Joaquim Possidónio da Silva (1806-1896) – restored its former dignity. From here on, the building and the collection housed in it became an indivisible whole and constant inspiration for new interpretations.

In order to understand the museum, we need to delve into the mists of time and deconstruct, layer by layer, the long sedimentation process of its various experiences over the centuries. A complex network of materials, stories and emotions is gradually revealed, inseparable from the history of both Lisbon and Portugal. Let's begin with the convent, an unusually large work ordered built by Nuno Álvares Pereira (1360-1431), on a hilltop bordering the Castelo de São Jorge (St. George's Castle), to mark the victory of Aljubarrota. Setting a building of this magnitude in front of the residence of the first king of Portugal, rivalling the Sé (or cathedral) for prominence, was a symbolic gesture that hardly went unnoticed. Only the political weight of this aristocrat, rewarded by King João I (1357-1433) with almost a third of the country in exchange for his support of the new Aviz dynasty, could have guaranteed him the royal permission for such an adventure. This alone, in fact, was not enough. A seal of the 14th century papal bull (the lead seal is inscribed "Bonifatius PP VIII", the pope who issued it), discovered in Nuno Álvares Pereira's grave, gives us a broader perspective on his daring. The seal is on display in the museum.



Capela-mor da Igreja do Carmo. Sala 3.

Carmo Church Chancel. Room 3.



Túmulo de D. Fernando I. Calcário, século xiv. Sala 3.

Tomb of Fernando I. Limestone, 14th century. Room 3.



Formenor da testeira do túmulo de D. Fernando I. Calcário.

Detail of the fascia from the tomb of Fernando I. Limestone.



das primeiras incursões no estudo do megalitismo em Portugal. Em 1858, D. Pedro V nomeou-o presidente da Comissão dos Monumentos Nacionais. Membro de inúmeras academias e sociedades nacionais e internacionais, passou a dedicar-se a partir daí e quase exclusivamente à arqueologia. Em 1861, e a convite de Maria Pia, trabalhou na requalificação do Palácio da Ajuda. Mas, apesar da proteção real, os seus projetos foram, regra geral, mal-amados, mercê da influência cultural francesa que neles se fazia sentir. Em Portugal, a memória das invasões napoleónicas, que obrigaram ao exílio da corte entre 1808 e 1820, era ainda muito presente.

A fundação da Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, em 1863, deu novo sentido à sua vida. No ano seguinte, a instituição criava um museu arqueológico, que veio a ser instalado nas ruínas do Convento do Carmo. Todos estes projetos Possidónio dirigiu com grande dedicação. Em 1867, regressava à Cidade Luz para participar no II Congresso de Antropologia e Arqueologia Pré-Histórica que decorreu, em simultâneo, com a Exposição Internacional de Paris. Daí em diante e até ao fim da vida, em 1896, publicou trabalhos diversos no âmbito da história da arquitetura e também da arqueologia. Deixou uma vasta correspondência trocada com alguns dos maiores vultos da sua época. Entre eles, Alexandre Herculano (1810-1877), Camilo Castelo Branco (1825-1890), Estácio da Veiga (1828-1891), Filipe Folque (1800-1877) e Oliveira Martins (1845-1894).

vestiges of the more distant past. The excavation of the Anta de Adrenunes, near Cabo da Roca, and one of the first incursions in the study of the megalithic in Portugal, was a prime example. In 1858, the King Pedro V appointed him president of the Comissão dos Monumentos Nacionais (National Monuments' Commission). A member of countless national and international academies and societies, from then on he began to focus, almost exclusively, on archaeology. In 1861, at the invitation of Queen Maria Pia, he worked on the requalification of the Palácio da Ajuda (Ajuda Palace). But despite their royal protection, his projects were generally ill-loved, thanks to prejudice against the French cultural influence felt within them. In Portugal, the memory of the Peninsular War, which forced the court into exile between 1808 and 1820, was still very clear. The foundation of the Real Associação dos Arquitetos Cívicos e Arqueólogos Portugueses, in 1863, gave new meaning to his life. The following year, the institution created an archaeological museum, which was installed in the ruins of the Carmo Convent. Possidónio directed all of these projects with great dedication. In 1867, he returned to Paris to participate in the II Congress of Anthropology and Prehistoric Archaeology, which took place simultaneously with the Paris International Exhibition. After this, until the end of his life in 1896, he published several works on the history of both architecture and archaeology. He left a vast amount of correspondence exchanged with some of the greatest figures of his day: Alexandre Herculano (1810-1877), Camilo Castelo Branco (1825-1890), Estácio da Veiga (1828-1891), Filipe Folque (1800-1877) and Oliveira Martins (1845-1894).

Túmulo de D. Maria-Ana de Áustria. Mármore e madeira, séculos xviii-xix. Sala 3.

Tomb of Queen Maria Anna of Austria. Marble and wood, 18th and 19th century. Room 3.



1880 Museu Carlos Machado

Antigo Museu Açoreano

Carlos Machado Museum

Formerly the Azorean Museum



Retábulo barroco, antiga Igreja de Todos-os-Santos do Colégio dos Jesuítas de Ponta Delgada.

Baroque altar piece from the former Todos-os-Santos Church, at the Jesuit College, Ponta Delgada.

Nasceu em torno da história natural o Museu Açoreano que, em 1880, se abriu à comunidade no âmbito das comemorações do tricentenário da morte de Luís de Camões (1525-1580). Ao longo dos tempos, cresceu em importância e em dimensão. Enriqueceu o seu espólio através de doações e aquisições, alargando o acervo a outros núcleos temáticos. Entre eles, a arte e a etnografia. Em 1914, assumiu o nome do seu fundador, Carlos Machado. Sediado no Convento de Santo André, em Ponta Delgada, conta hoje com dois outros polos expositivos: a Igreja do Colégio e o Recolhimento de Santa Bárbara.

Corria o ano de 1876 quando Carlos Machado (1828-1901), médico por formação, professor de Introdução à História Natural e reitor do Liceu de Ponta Delgada, começou a reunir as primeiras coleções – zoologia, botânica, geologia e mineralogia –, em torno das quais se viria a constituir o então Museu Açoreano, inaugurado quatro anos mais tarde nas instalações da escola que dirigia. Foi de início um museu escolar, é certo, mas que, por vontade expressa do seu fundador, se abriu ao público em 1880 para dar a conhecer as coleções dos Açores a quem os visitava. Com ele esteve Francisco Arruda Furtado (1854-1887), naturalista autodidata, agora pupilo de Carlos Machado e seu braço direito desde o primeiro momento.

Carlos Machado pretendia reunir no museu todas as espécies locais, obviando assim a necessidade de aqueles que vinham de fora terem de se deslocar a todas as ilhas. Falamos de um tempo em que as comunicações eram difíceis, onerosas, por vezes impossíveis. Estradas rudimentares dificultavam a circulação no interior de São Miguel. Não era raro encontrar quem, tendo nascido no Nordeste, não conhecesse Ponta Delgada. O barco era o único meio de ligação quer entre as várias ilhas do arquipélago, quer entre os Açores e qualquer outro ponto do mundo. Nascido no contexto da monarquia liberal, num período fértil em avanços e polémicas científicas, num tempo marcado também pela convulsão política e por uma elite local efervescente, polarizada em torno da questão da autonomia, o atual Museu Carlos Machado foi o primeiro museu dos Açores.

The Museu Açoreano (Azorean Museum) opened to the community in 1880, as part of the tercentenary commemorations of the death of Luís de Camões (1525-1580). In 1914, it took the name of its founder, Carlos Machado. Over time, it has grown in size and importance. Its collection has been enriched through donations and acquisitions, spreading into other thematic areas, such as art and ethnography. Located in the Convent of Santo André in Ponta Delgada, it now has two other exhibition centres: the Church and Retreat of Santa Bárbara.

It was in 1876 that Carlos Machado (1828-1901), physician by training, professor of Introduction to Natural History and rector of Ponta Delgada High School, began his first collections – zoology, botany, geology and mineralogy – that would be the basis of the then Azorean Museum, which opened four years later on the premises of the school he ran. It was at first a school museum, of course. However, by the express will of its founder, it opened to the public in 1880 to allow those who visited it to study the Azores' collections.

Francisco Arruda Furtado (1854-1887), a self-taught naturalist who now studied under him, was Carlos Machado's right arm from the first moment.

Carlos Machado intended that the museum should have all the local species on display, so that visitors would not have to travel to every Azorean island. This was a time when communications were difficult, costly and sometimes impossible. Rudimentary inland roads hindered circulation on São Miguel and it was not uncommon to find people who, having been born in the Northeast, did not know Ponta Delgada. The only means of moving between the various islands of the archipelago or from the Azores to anywhere else was by boat.

Born during the liberal monarchy, in a fertile period of scientific advances and controversies, in a period also marked by political upheaval and a highly active local elite, polarised around the issue of autonomy, the current Carlos Machado Museum was the first Museum of the Azores.



Perspetiva geral da galeria expositiva do Núcleo de Arte Sacra. Em primeiro plano, à esquerda, brasão de armas de D. Manuel I, em lioz, datado do século XVI. General view of the exhibition gallery in the Sacred Art Section. In the foreground (on the left), is the coat of arms of King Manuel I, in lioz. Dating from the 16th century.

Santos Mártires Veríssimo, Máxima e Júlia: Anunciação do Martírio
Pintura a óleo sobre madeira atribuída a Garcia Fernandes. Século XVI (c. 1530).
The Holy Martyrs Veríssimo, Máxima and Julia: Annunciation of the Martyrdom
Oil painting on wood attributed to Garcia Fernandes. 16th century (c. 1530).

1884 Museu Etnográfico e Histórico da Sociedade de Geografia de Lisboa

Antigo Museu Colonial e Etnográfico

Ethnographic and Historical Museum of the Lisbon Geographical Society

Formerly the Colonial and Ethnographic Museum



Máscara do Mapiko.
Makonde, Moçambique,
século XIX.
Foto: Carlos Ladeira.

Mapiko mask.
Makonde, Mozambique,
19th century.
Photo: Carlos Ladeira.

A questão da identidade preside à criação da Sociedade de Geografia de Lisboa (SGL), fundada por iniciativa de Luciano Cordeiro (1844-1900) e de um grupo de cerca de setenta militares e civis, ligados à administração pública, à indústria, aos negócios e aos vários ramos das ciências, das artes e das letras. Foram estes os homens que, no ano de 1875, propuseram ao rei D. Luís (1838-1889) a sua criação, num momento em que, um pouco por toda a Europa, a questão colonial se colocava com especial acuidade. Um dos objetivos principais: promover expedições que permitissem conhecer melhor o continente africano. Nove anos volvidos, abria as portas o Museu Colonial e Etnográfico, criado no seio da SGL em torno das recolhas levadas a cabo sobretudo em África mas também na Índia, em Macau, em Timor e noutros territórios espalhados pelos quatro cantos do mundo.

Percorrer as salas desta casa é como entrar num livro de aventuras. Serpa Pinto (1846-1900), Gago Coutinho (1869-1959), Henrique Carvalho (1843-1909), Hermenegildo Capelo (1841-1917), Roberto Ivens (1850-1898) e Silva Porto (1817-1890) contam-se entre os protagonistas da narrativa que aqui se desenha. Para além dos cadernos que documentam as suas viagens por África e pelo Oriente, repletos de relatos, desenhos, observações e medições no terreno – e ainda das cartas geográficas e da correspondência trocada ao longo dessas expedições terrestres –, foram recolhidos exemplares da flora, da fauna e do solo, bem como objetos das mais variadas naturezas mais tarde organizados em coleções. Muitos foram também os anónimos que, vivendo então nas colónias, aí faziam chegar remessas de «produtos industriais», agrícolas e artefactos. Assim se foi valorizando o acervo distribuído hoje pela biblioteca, pela cartoteca, pela fototeca e pelo museu que reúne mais de vinte mil objetos, testemunho de mais de quinhentos anos da nossa história comum.

The question of identity hangs over the creation of the Sociedade de Geografia de Lisboa (the SGL, or the Lisbon Geographical Society), founded on the initiative of Luciano Cordeiro (1844-1900) and a group of about seventy soldiers and civilians, linked to public administration, industry, business and various branches of the sciences, arts and letters. These were the men who, in 1875, proposed its creation to King Luís (1838-1889), at a time when, all over Europe, the colonial question was particularly sensitive. One of its main objectives was to promote expeditions that would provide a better understanding of the African continent. Nine years later, the Museu Colonial e Etnográfico (the Colonial and Ethnographic Museum), set up within the SGL, opened its doors to collections mainly from Africa, but also from India, Macau and other territories spread throughout the four corners of the world.

Going through the rooms of this museum is like entering an adventure book. Serpa Pinto (1846-1900), Gago Coutinho (1869-1959), Henrique Carvalho (1843-1909), Hermenegildo Capelo (1841-1917), Roberto Ivens (1850-1898) and Silva Porto (1817-1890) are among the most important figures in this unfolding story. In addition to the notebooks documenting their journeys through Africa and the East, full of reports, drawings, observations and measurements from the field – as well as geographical maps and correspondence exchanged throughout these expeditions across the globe –, specimens of the flora, fauna and soil were collected, as well as the most varied objects that they later organized in collections. There were also many anonymous people who, living in the colonies, sent in consignments of “industrial” and agricultural “products” and everyday objects. And so the collection grew, which is today distributed among the library, the map room, the photo library and the museum: more than 20 000 objects, testimony of Portugal’s more than 500 year old relationship with countries across the globe.



Perspetiva parcial da Sala da Índia.
Foto: Manuel Aguiar.

Globo celeste de Vincenzo Coronelli (edição de 1693).
Foto: Carlos Ladeira.

Partial view of the India Room.
Photo: Manuel Aguiar.

Celestial Globe by Vincenzo Coronelli. (1693 edition).
Photo: Carlos Ladeira.

As primeiras sociedades de geografia surgem na Europa no século XIX, no momento em que os vários países tomam consciência da perda da América. De facto, a Revolução Americana de 1776 ateia um rastilho independentista que se propagara à Argentina, ao México, ao Brasil, à Colômbia, à Venezuela e ao Equador. Não surpreende pois que as atenções do Velho Mundo se virassem para África, até aí desvalorizada e quase desconhecida. A Europa procurava novos mercados para escoar os seus produtos industriais; ambicionava o marfim, os diamantes e os minérios raros do continente africano; e o cultivo em grande escala de produtos como a cana-de-açúcar, o algodão, o tabaco, o cacau e o café. Não será por isso de espantar que Paris (1821) e Londres (1830), à época capitais de império, e Berlim (1828), que mais tarde também o seria, fossem palco privilegiado destas primeiras sociedades, associações de carácter científico e social que tinham como objetivo conhecer melhor o território, avaliar os seus recursos naturais, os povos que nele habitam e as suas culturas. Ao longo de Oitocentos, os vários países programaram as suas explorações terrestres, direccionadas sobretudo à África Central e do Sul, zonas então menos conhecidas.

A criação da SGL no ano de 1875 cumpre os mesmos objetivos. A presença portuguesa em África remontava ao século XV, mas a ocupação territorial até à segunda metade do século XIX incidia sobretudo na faixa litoral do continente.

Perante as ambições coloniais dos seus rivais europeus, a elite portuguesa sentiu não só a necessidade de provar a antiguidade da sua permanência, como de explorar o interior do continente e administrar devidamente os territórios que reivindicava como seus.

The first geographical societies appeared in Europe in the 19th century, when the various countries became aware of the loss of America. In fact, the American Revolution of 1776 had established a pro-independence movement that had spread to Argentina, Mexico, Brazil, Colombia, Venezuela and Ecuador. Not surprisingly, the Old World's attention was turned to Africa, hitherto unvalued and almost unknown. Europe was looking for new markets to dispose of its industrial products. It aspired to the ivory, diamonds and rare minerals of the African continent; and the large-scale cultivation of products such as sugar cane, cotton, tobacco, cocoa and coffee. It is not surprising, then, that Paris (1821) and London (1828), imperial capitals at the time, and Berlin (1828) which would become one later, were the privileged stage of these early societies, scientific and social associations whose purpose was to know the territories better, assess their natural resources, the peoples who inhabited them and their cultures. Throughout the 19th century, the various countries planned their exploration, mainly directed at Central and South Africa, areas that were then less known. The creation of the SGL, in 1875, fulfilled the same objectives. The Portuguese presence in Africa dated back to the 15th century, but the territorial occupation, until the second half of the 19th century, was mainly on the coastal strip.

Faced with the colonial ambitions of its European rivals, the Portuguese elite felt not only the need to prove the antiquity of its permanence, but also to explore the interior of the continent and to properly manage the territories it claimed as its own.

Museu Nacional ¹⁸⁸⁴ de Arte Antiga

Antigo Museu de Belas-Artes e Arqueologia

National Museum of Ancient Art

Formerly the Museum of Fine Arts
and Archaeology



O Museu Nacional de Arte Antiga, tal como o de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, resulta de uma cisão cronológica do acervo do antigo Museu de Belas-Artes e Arqueologia (1884), extinto um ano após a implantação da República. Por detrás da lei de 1911 que dividiu em dois o espólio da antiga instituição, estabelecendo como fronteira o ano de 1850, emerge a figura de José de Figueiredo (1872-1937), diretor primeiro desta casa. Situado frente ao Tejo, donde, em Quatrocentos, as caravelas partiram à descoberta de novos mundos, o museu abriga a mais importante coleção pública de arte portuguesa. Surpreende pela escala e pela abrangência do acervo de pintura, de escultura e de artes decorativas. Os núcleos de objetos provenientes das rotas africanas e asiáticas e algumas das obras mais representativas da produção artística europeia contextualizam um percurso que se confunde com a nossa identidade.

Uma das mais antigas peças expostas neste museu é uma cruz processional, em ouro maciço, decorada com pedras preciosas. Mandada executar por D. Sancho I^o (1154-1211), filho de D. Afonso Henriques (1109-1185), encontrava-se entre as relíquias do Mosteiro de Santa Cruz, em Coimbra, onde o rei foi sepultado no início do século XII. Diz a lenda que as pedras encastoadas provinham das «armas apreendidas aos infiéis» durante a reconquista da Península. Pese embora a sua inegável importância, não é ela a protagonista desta aventura.

The Museu Nacional de Arte Antiga (National Museum of Ancient Art) was, like the Arte Contemporânea – Museu do Chiado (National Museum of Contemporary Art – Chiado Museum), the result of the collection of the former Museu de Belas-Artes e Arqueologia (Museum of Fine Arts and Archaeology) (1884) being divided when the museum was abolished a year after the establishment of the Republic. The 1911 law that split the former institution's holdings in two chronologically, with 1850 being the dividing line, had José de Figueiredo (1872-1937), the museum's first director, behind it.

Set near the bank of the Tagus, where, in the 15th century, the caravels set out to discover new worlds, the museum houses the most important public collection of Portuguese art. The scale and scope of its collections of painting, sculpture and decorative arts is astonishing. The groups of objects from the African and Asian routes, and some highly representative works of European art, contextualise a journey interwoven with Portuguese identity.

¹ Ventade expressa em disposição testamentária.

¹ Will expressed in testamentary disposition.



Cruz processional em ouro mandada executar em testamento por D. Sancho I, 1214. Piso 2. Sala 29.

Processional cross in gold commissioned by King Sancho I in his will, 1214. 2nd Floor. Room 29.

É uma época de incertezas a que aqui se retrata. Ao soltar as amarras das suas cascas de noz ancoradas no Tejo, nessas mesmas águas que hoje se contemplam dos jardins deste museu, era um país assolado pela fome, entalado entre a Espanha e o mar, que se lançava em viagens longas, tantas vezes sem retorno. Muitos ficavam por lá, recomeçando as suas vidas em colónias tão distantes como dispersas no mapa do mundo. Mas quando levavam o navio a bom porto, os homens voltavam diferentes. Para lá das histórias, do espanto e das doenças, traziam com eles raízes, bagas, frutos nunca vistos, pavões e macacos, tecidos luxuosos, madeiras exóticas, ouro, prata e muitas pedras preciosas que iriam mudar para sempre a vida dos europeus e a sua visão do mundo. Nos porões das suas frágeis embarcações, por entre lotes de pimenta e de canela, armazenavam todo um universo de peças raras e curiosas recolhidas em paragens distantes e tão fantasiadas, como as descritas por Fernão Mendes Pinto¹ (1509-1583): tapetes persas, contadores indo-portugueses, templetos em marfim, cadeiras de mando, esculturas africanas, Meninos Jesus à imagem de Buda, pratos de porcelana chinesa com as armas da nação e biombos *namban* – objetos que integram hoje o importante núcleo afro-oriental desta espantosa coleção.



Panorama da Cidade de Lisboa no Século XIII.
José Pinhão de Matos,
c. 1701-1725.
Óleo sobre tela.

Panorama of the City of Lisbon in the 13th Century.
José Pinhão de Matos,
c. 1701-1725.
Oil on canvas.

1. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, vols. 1 e 2. Edições Afródite, Fernando Ribeiro de Mello, 1975.
2. Fernão Mendes Pinto, *Peregrinação*, vols. 1 and 2. Edições Afródite, Fernando Ribeiro de Mello, 1975.



What is portrayed here is a time of uncertainty. When the moorings of those tiny vessels anchored in the Tagus were cast off, in these same waters that are now seen from the gardens of this museum, Portugal was a country desolated by the hunger, wedged between Spain and the sea, setting forth on immense voyages from which there was often no return. Many stayed there, beginning their lives again in colonies as distant as scattered across the world map. But when they found safe haven, the men who returned had changed. Beyond the stories, amazement and diseases, they brought with them roots, berries, fruits never seen; peacocks and monkeys; luxurious fabrics, exotic wood, gold, silver and many precious stones that would forever change the lives of Europeans and their view of the world. In the holds of their fragile vessels, between the pepper and cinnamon, they stored a whole world of rare and curious pieces collected in distant, imagined places, such as those described by Fernão Mendes Pinto¹ (1509-1583): Persian carpets, Indo-Portuguese cabinets, miniature temples in ivory, ceremonial chairs, African sculptures, the Infant Christ in Buddha's image, Chinese porcelain dishes with the arms of the nation and *namban* screens – objects that are now part of the important Afro-Oriental section of this amazing collection.

Perpetiva geral da sala dedicada à arte *namban*.
Piso 2. Sala 14.

General view
of the Namban Art Room.
2nd Floor. Room 14.

As Tentações de Santo Antão.
Hieronymus Bosch,
c. 1500.
Piso 1, Sala 61.

The Temptations of St. Anthony.
Hieronymus Bosch,
c. 1500.
1st Floor, Room 61.

Terminamos esta visita ao museu dos mil percursos fechando um círculo perfeito no tempo. Estamos de volta à alvorada do século XVI com uma das peças-chave da coleção: *As Tentações de Santo Antão*, de Hieronymus Bosch (c. 1450-1516). São três magníficos painéis, para muitos a obra-prima do pintor flamengo. Pintado num tempo de grande incerteza, numa Europa marcada pela convulsão social, económica e religiosa, assolada pela peste e pelo pessimismo, este tríptico enigmático, misto de fantasia e terror, figura entre as peças mais notáveis aqui patentes. Nessa mesma sala, e como contraponto de toda esta inquietação, *São Jerónimo*, de Albrecht Dürer (1471-1528), destaca-se entre as obras da Escola Alemã. O olhar experiente e sereno do santo que dedicou a vida ao estudo das Escrituras, o rosto enrugado de abundantes barbas brancas caindo em cascata sobre as pregas do manto vermelho, conhece a efemeridade da vida humana representada pela caveira para a qual a mão aponta. Este retrato, pintado em 1521, tem uma história curiosa: teve como modelo um homem de 93 anos escolhido na rua e foi oferecido a Rui Fernandes de Almada (n. c. 1600), secretário da feitoria portuguesa em Antuérpia e seu amigo, que o presenteava com papagaios, melão e torrões de açúcar, produtos raros à época.



We finish this visit to the museum of a thousand routes closing a perfect circle in time. We are back in the early 16th century with one of the key pieces in the collection: *The Temptation of St. Anthony* by Hieronymus Bosch (c. 1450-1516). What, for many, is the masterpiece of the Flemish painter is made up of three magnificent panels. Painted in a time of great uncertainty, in a Europe marked by social, economic and religious upheaval, ravaged by plague and pessimism, this enigmatic triptych, mixed with fantasy and terror, is among the museum's most remarkable pieces of art. In this same room, and as a counterpoint to all this restlessness, *St. Jerome* by Albrecht Dürer (1471-1528) stands out among the works of the German School. The saintly, serene look of the saint who devoted his life to the study of the Scriptures, the wrinkled face and abundant white beard cascading over the folds of the red cloak, convey his understanding of the ephemerality of human life, represented by the skull to which the saint's hand points. This portrait, painted in 1521, has a curious history: it was modelled on a 93 year old man chosen on the street, and was offered to Rui Fernandes de Almada (b. c. 1600), secretary of the Portuguese factory in Antwerp, in exchange for molasses and sugar, rare products at the time.

Teto de quadratura,
de Vincenzo Bacherelli.
Sala do Teto Pintado.
Piso 1, Sala 50.

Quadratura Ceiling from
Vincenzo Bacherelli.
Teto Pintado
(Painted Ceiling)
Room.
1st Floor, Room 50.

1885 Museu Arqueológico da Sociedade Martins Sarmento

The Martins Sarmento Society Archaeological Museum



Estátuas de guerreiros galaicos, século I d. C.

Statues of Gallic warriors, 1st century AD.

Criada em Guimarães no ano de 1881, e batizada pelos seus fundadores em homenagem a «um ilustre conterrâneo»¹, a Sociedade Martins Sarmento, instituição cultural apostada em promover a instrução popular, cedo sentiu necessidade de reforçar a sua vertente educativa com a abertura de um museu arqueológico, que abriu portas em 1885.

A Citânia de Briteiros, povoado proto-histórico situado nas cercanias da cidade de Guimarães, está na génese da coleção reunida por Francisco Martins Sarmento (1833-1899), que mais tarde viria a constituir o fundo antigo do museu da Sociedade, batizada com o seu nome por um grupo de vimaraneses influentes na edilidade. Médicos, intelectuais, políticos, havia de tudo neste grupo que em 1881 se organizou para homenagear em vida o arqueólogo que, condecorado pelo Estado francês com a Legião de Honra, permanecia ignorado na sua terra².

Para alojar a Sociedade ainda sem sede fixa, mas que no seu segundo ano de existência criara já a *Revista de Guimarães*, publicação de natureza cultural que visava dar a conhecer «este retalho da pátria tão mal conhecido»³, cedeu D. Luís I (1838-1889) o claustro gótico, de planta quadrangular, do antigo Convento de São Domingos, edifício medieval que constitui hoje o corpo mais antigo da sede. Aí seria fundado o Museu Arqueológico no ano de 1885. Este projeto marca o envolvimento direto de Sarmento nos trabalhos da Sociedade. Num gesto sem precedentes, Sarmento faria construir sobre este espaço, e a suas próprias expensas, uma galeria envidraçada com o propósito de acolher os objetos da proto e da pré-história encontrados nas escavações por ele dirigidas, reservando o claustro, propriamente dito, para a secção de epigrafia lapidar e escultura clássica. Um entre os vários gestos singulares que pontuam a história deste homem.

Founded in Guimarães in 1881, and named by those responsible in honour of “an illustrious countryman”, the Sociedade Martins Sarmento (Martins Sarmento Society), a cultural institution committed to promoting popular education, soon felt the need to strengthen its educational branch by creating an archaeological museum, which opened its doors in 1885.

The Citânia de Briteiros, a proto-historical settlement near Guimarães, was the source for the collection made by Francisco Martins Sarmento (1833-1899). He would later put together the old reserve of the Society’s museum, which was named in his honour by a group of influential Guimarães citizens in the council.

Doctors, intellectuals and politicians made up this group, formed in 1881, to honour in life the archaeologist who, decorated by the French State with the Legion of Honour, remained ignored in his homeland.²

The Society was still without a fixed home, although in its second year of existence, it had created the *Revista de Guimarães*, a cultural publication intending to promote “this little corner of the country that is so poorly known”³. The King Luis I (1838-1889), therefore, provided the Society with the quadrangular Gothic cloister of the old Convent of São Domingos, a medieval building that is the oldest part of its headquarters. It was here that the Archaeological Museum was founded in 1885. This project marks Sarmento’s direct involvement in the Society. In an unprecedented gesture, he would build above this space, and at his own expense, a glazed gallery with the purpose of housing the proto and prehistoric objects found in the excavations he directed, reserving the cloister itself for lapidary epigraphy and classical sculpture. It was just one among the various extraordinary gestures that filled this man’s story.

1. Ata da instalação, aprovada na Assembleia Geral de Constituição da Sociedade Martins Sarmento realizada em Guimarães a 20 de novembro de 1881, republicada pela Sociedade a 20 de novembro de 1999.

2. Esta falta de reconhecimento era especialmente sentida pelos seus conterrâneos e preside, aliás, à vontade de fundar esta sociedade com o nome de Martins Sarmento. A justificação ficou registada no relatório da Assembleia Geral de Constituição da Sociedade Martins Sarmento, datado de 20 de novembro de 1881.

3. “Introdução”, in *Revista de Guimarães*, n.º 1, janeiro de 1884.

1. Minutes regarding the installation of the Museum, approved at the General Assembly of the Constitution of the Sociedade Martins Sarmento held in Guimarães on 20th November 1881, republished by the Sociedade on 20th November 1999.

2. This lack of recognition was especially felt by his countrymen and was a major influence in the decision to found this Society under the name Martins Sarmento. The justification was recorded in the report of the General Assembly of the Constitution of the Sociedade Martins Sarmento, dated 20th November 1881.

3. “Introduction”, in *Revista de Guimarães*, no. 1, January 1884.

Perspetiva da Citânia de Briteiros.

View of Citânia de Briteiros.



Considerado por Camilo Castelo Branco (1825-1890) como um dos espíritos mais cultos do Minho, Martins Sarmento, nascido no seio de uma família abastada de Guimarães, fez-se bacharel em Direito, em Coimbra, mas nunca chegou a exercer. Leitor compulsivo de autores clássicos (de Estrabão a Avieno), de revistas científicas, de obras de Charles Darwin (1809-1882), Verney Lovett Cameron (1844-1894), Henry Morton Stanley (1841-1904) e sobretudo de Heinrich Schliemann (1822-1890), cujos trabalhos seguia com atenção, Sarmento encontrou na história, na etnografia e, mais tarde, na arqueologia a causa que a partir de 1874 norteou toda a sua vida. Nesse mesmo ano, dirigiu a primeira campanha de trabalhos arqueológicos na Citânia de Briteiros. Fascinado pelas ruínas que descobrira num baldio, situado próximo da casa de família, em Briteiros, logo tratou de o aforar ao município.

Nos trabalhos de campo, Sarmento procurava vestígios de construções, objetos e fragmentos avulsos que, articulados entre si, lhe permitissem traçar um quadro mais vasto do quotidiano dos povos que, em tempos remotos, habitaram a cidade. Quem era aquela gente? Em que data chegara? De onde viera? Como vivia?

«Da civilização lusitana, anterior à romanização da península pouco se sabia pela história. Estrabão, que viveu no tempo de Tibério, era o único escriptor da antiguidade que dava algumas notícias sobre os usos e costumes dos povos da Lusitânia; mas as suas indicações eram insuficientes e careciam de ser explicadas pelos monumentos.»⁴

Considered by Camilo Castelo Branco (1825-1890) as one of the most cultured minds in the Minho region, Martins Sarmento, born into a wealthy Guimarães family, graduated in law from Coimbra, but never practiced. A compulsive reader of classical writers (from Strabo to Avienus), scientific journals, works by Charles Darwin (1809-1882), Verney Lovett Cameron (1844-1894), Henry Morton Stanley (1841-1904) and, especially, Heinrich Schliemann (1822-1890), whose works he carefully followed, Sarmento found in history, in ethnography, and later in archaeology the cause that from 1874 guided his whole life. That same year, he directed his first archaeological works campaign in Citânia de Briteiros. Fascinated by the ruins he had discovered in a wasteland, near the family home, in Briteiros, he soon managed to purchase a licence from the town council, at his own expense, giving him permission to excavate the area. In his fieldwork, Sarmento looked for traces of buildings, individual objects and fragments that, when taken together, allowed him to draw a larger picture of the daily life of the town's ancient inhabitants. Who were those people? When did they arrive? Where did they come from? How did they live?

"Little was known about the history of Lusitanian civilization, prior to the Romanization of the peninsula. Strabo, who lived in the time of Tiberius, was the only writer of antiquity who recorded the practices and customs of the Lusitanians. His notes were insufficient, however, and lacked explanation through monuments."⁴

⁴ António Santos Rocha, «Martins Sarmento», in *Revista de Guimarães*, volume especial, 1900, pp. 40-42.

⁴ António Santos Rocha, «Martins Sarmento», in *Revista de Guimarães*, special volume, 1900, pp. 40-42.



Padieira de porta de casa com a inscrição «Coroneri Camali Domus», ou «Casa de Coronero, (filho) de Cãmalos». Granito. Citânia de Briteiros.

Lintel with the inscription "Coroneri Camali Domus", or "Coronero's House (son) of Cãmalo". Granite. Citânia de Briteiros.



Exemplares de cerâmica comum romana, de proveniência diversa.

Examples of common Roman pottery, of different origins.

1893 Museu Nacional de Arqueologia

Antigo Museu Etnográfico Português

National Museum of Archaeology

Formerly the Portuguese Ethnographic Museum



O edifício da Academia das Ciências de Lisboa foi a casa inicial deste museu, fundado em 1893 por José Leite de Vasconcelos (1858-1941) com a designação de Museu Etnográfico Português. Tinha como missão contar «o passado arqueológico e o presente etnográfico do povo português»¹.

O atual Museu Nacional de Arqueologia nasceu nas instalações da Comissão Geológica do Reino, lado a lado com o Museu Geológico, antes de ganhar casa própria, o que veio a acontecer em 1906 quando abriu finalmente ao público na ala oitocentista do Mosteiro dos Jerónimos. Nunca mais de lá saiu. De início, ocupou apenas uma parte do edifício, expandindo-se à medida que as obras foram ficando concluídas. Acomodou-se ao espaço que, desde a década de 1930, se estende por toda a fachada sul do complexo do mosteiro, entre as torretas. Um lugar nobre, é certo, mas há muito exíguo para a dimensão do acervo que aqui se acolhe. Mais de três mil sítios arqueológicos estão hoje representados na coleção que, ao longo dos cento e vinte e cinco anos de existência desta casa, se instituiu como referência incontornável da arqueologia em Portugal.

O museu ganhou forma em 1893 pela mão de Leite de Vasconcelos, que o sonhou e o fez acontecer. Que o imaginou, o constituiu e desenvolveu. Foi ele o seu fundador de facto e primeiro diretor. Não esteve sozinho nesse processo. Bernardino Machado (1851-1944) foi o seu grande companheiro nesta aventura. Ministro das Obras Públicas, do Comércio e da Indústria, mais tarde Presidente da República, Bernardino Machado, antigo lente da Universidade de Coimbra, foi o patrono político do projeto. Não se limitou a assinar o decreto que o viabilizou e que D. Carlos I (1863-1908) promulgou. Acompanhou o museu de perto durante toda a sua vida, deixando-lhe, como legado, as suas condecorações de Estado. Talvez por isso, António Carvalho vá mais longe, referindo-se a ambos como cofundadores, um pouco à imagem das parcerias de hoje.

The Academia das Ciências de Lisboa (Academy of Sciences) building was the initial home of this museum, founded in 1893 by José Leite de Vasconcelos (1858-1941). Initially called the *Museu Etnográfico Português* (Portuguese Ethnographic Museum), its mission was to recount "the archaeological past and the ethnographic present of the Portuguese people".

The current Museu Nacional de Arqueologia (National Museum of Archaeology) began life on the premises of the Comissão Geológica do Reino (Geological Commission of the Realm), alongside the Museu Geológico (Geological Museum), before finding its own permanent home in 1906, when it finally opened to the public in the 19th century wing of the Jerónimos Monastery. At first, it occupied only a part of the building, expanding as the works were completed. It settled in the space that, since the 1930s, has stretched along the monastery's southern façade, between the turrets. The location is undoubtedly splendid, but there is very little room for the vast collection stored there. Over 3,000 archaeological sites are now represented in the collection that, during its 125 years in the museum, has become an indisputable reference for archaeology in Portugal.

Leite de Vasconcelos dreamt up the museum and, in 1893, he made it happen. He imagined, established and developed it. He was the de facto founder and first director. He was not, however, alone in this process. Bernardino Machado (1851-1944), a former professor at the University of Coimbra, was his great companion in this adventure. Minister of Public Works, Trade and Industry, and later President of the Republic, Machado was the project's political patron. Not only did he sign the decree (promulgated by Carlos I (1863-1908)) making it viable, he accompanied the museum closely throughout his life, leaving it his state decorations in his will. This may be the reason António Carvalho refers to both as co-founders.

¹ Leite de Vasconcelos citado por António Carvalho, diretor do Museu Nacional de Arqueologia.
¹ Leite de Vasconcelos quoted by António Carvalho, Director of the Museu Nacional de Arqueologia.

Perspetiva geral da exposição temporária «Loulé. Territórios, Memórias, Identidades». Em primeiro plano, menhir do Cerro das Pedras, sítio arqueológico referenciado por Estácio da Veiga em 1886.

General view of the temporary exhibition, "Loulé. Territories, Memories, Identities." In the foreground, a menhir from Cerro das Pedras, an archaeological site identified by Estácio da Veiga in 1886.



Análises à parte, a dimensão intelectual de Leite de Vasconcelos, figura de referência da ciência e da cultura portuguesas, impõe aqui uma análise mais detalhada do seu percurso. Quem era afinal este homem? O que o fazia correr?

Filho espiritual de Martins Sarmento (1833-1899), o inspirador mestre e amigo com quem se correspondeu ao longo de toda a vida, José Leite de Vasconcelos nasceu na aldeia da Ucanha, em Tarouca, no ano de 1858. Desde cedo se interessou pela etnografia e pela filologia. No Porto, onde se formou, primeiro em Ciências Naturais (1881), depois em Medicina (1886), o jovem oriundo de uma aldeia rural da Beira Interior confrontou-se pela primeira vez com o ambiente cosmopolita de uma cidade burguesa com fortes laços comerciais com a Europa. Aí ganhou consciência clara de um país a duas velocidades. Ainda estudante, «entusiasmado pelo movimento científico do século», deu ao prelo em 1882 a sua primeira obra – *Tradições Populares de Portugal* –, uma recolha de ensaios publicados desde 1878 em vários jornais portugueses e estrangeiros, mas agora em versão revista e aumentada. Na introdução, explica ao que vem e sem ambiguidades. Defende a necessidade do «estudo científico» de traços da cultura popular tais como «as superstições, os costumes, os jogos, os contos, as cantigas, as adivinhas, as rimas de infância, os ensalmos, as orações, as xácaras, todas essas tradições que constituem o folclore, [e] parecem na verdade à primeira vista destituídas de importância e próprias de espíritos ignorantes e rudes». Nascia aqui o etnógrafo.

Analyses aside, Leite de Vasconcelos' intellectual dimension, a major figure in Portuguese science and culture, demands a more detailed account of his career. Who was this man after all? What drove him on?

José Leite de Vasconcelos was born in the village of Ucanha, Tarouca, in the year 1858. He was interested in ethnography and philology in the early years of his life. He was a spiritual son of Martins Sarmento (1833-1899), his inspiring master, a teacher and friend whom he corresponded with throughout his life. In Porto, where he graduated first in Natural Sciences (1881) and then in Medicine (1886), the young man from a rural village in Beira Interior was confronted for the first time with the cosmopolitan environment of a bourgeois city with strong European commercial ties. It was then he clearly saw that the country was operating at two speeds. Still a student and "enthusiastic about the scientific movement of the century", he published his first work, *Tradições Populares de Portugal* (Popular Portuguese Traditions) in 1882, a collection of essays he had been publishing in several Portuguese and foreign newspapers since 1878, but now in revised and enlarged versions. The introduction unequivocally explains what is to come. It stresses the need for the "scientific study" of certain aspects of popular culture, such as "superstitions, customs, games, tales, songs, riddles, nursery rhymes, incantations, prayers, popular songs, and all the traditions constituting folklore, [and], at first sight, seem unimportant and proper to ignorant and rude spirits". The ethnographer was born here.

2. José Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*. Livraria Portuguesa de Clavel & C.A., 1882 (obra hoje integrada nas coleções da University of Michigan, Google).

3. José Leite de Vasconcelos, *Tradições Populares de Portugal*. Livraria Portuguesa de Clavel & C.A., 1882 (today part of the University of Michigan collections, Google).

Centenas de milhares de peças, novecentas e quarenta das quais estão classificadas como tesouros nacionais, compõem hoje o acervo que percorre um vasto espectro cronológico, cobrindo quase meio milhão de anos de ocupação humana do território nacional. Entre as mais antigas, está o crânio da Aroeira, com cerca de quatrocentos mil anos, recentemente depositado nesta casa. Prestes a engrossar este número está a criança do Lapedo, esqueleto delicado descoberto em finais de 1998, que veio confirmar a linha de continuidade existente entre o neandertal e o homem moderno. Aguarda classificação de interesse nacional.

A pré-história, a proto-história e a era romana contam-se entre os núcleos mais expressivos, a par da coleção de ouro arcaico, a maior existente em Portugal e a mais importante da Península Ibérica. Do biface triédrico rolado – encontrado junto ao rio Caia, que remonta ao Paleolítico –, ao báculo da Anta, de Montemor-o-Novo, típico do megalitismo alentejano, do período do Neolítico;

collected during the archaeological campaigns promoted by the museum, especially from the 1930s to the 1960s, under the direction of Manuel Heleno (1894-1970). It was in this period that the Museu de Etnografia (Museum of Ethnography, later of Ethnology), became the Museu Nacional de Arqueologia (National Museum of Archaeology), the result of the museum's increasing specialisation.

Hundreds of thousands of pieces, nine hundred and forty of which are classified as national treasures, make up the vast chronological spectrum of the collection today, covering almost half a million years of human occupation of Portuguese territory. Among the oldest is the Aroeira skull, about 400,000 years old and a recent deposit in the museum. About to increase this number is the Lapedo child, a delicate skeleton discovered in late 1998, which



«Loulé – Territórios, Memória e Identidades», núcleo da época romana. O Mundo romano, um território entre cidades. Em primeiro plano, duas ânforas de produção bética mediterrânica de meados dos séculos I-II d.C. provenientes do Cerro da Vila, Quarteira.

“Loulé. Territories, Memories, Identities”, Roman period section. The Roman world, a territory between towns. In the foreground, two Mediterranean Baetica amphorae from the mid-1st to 2nd century AD from Cerro da Vila, Quarteira.



«Religiões da Lusitânia». Painel de mosaico romano *Hércules Furioso*. Séculos III-IV d.C. Proveniente da Villa Romana de Torre de Palma, sítio arqueológico muito bem representado no Museu Nacional de Arqueologia. Integra o Mosaico das Musas, feito de tesselas em calcário, mármore policromos e vidro de várias cores.

“Religions of Lusitania”. Roman mosaic panel, *Hercules furiosus*. 3rd-4th century AD. From the Torre de Palma Roman Villa, an archaeological site, which has supplied many of the exhibits in the National Museum of Archaeology. This includes the Mosaic of the Muses, made of limestone, polychrome marble and variously coloured glass tessellations.

«Religiões da Lusitânia». Estátua de togado, em mármore, proveniente de Mértola. Meados do século I d.C.

“Religions of Lusitania”. Marble statue of a man in a toga, from Mértola. Mid-1st century AD.



1894 Museu Municipal Santos Rocha

Antigo Museu Municipal da Figueira da Foz

Municipal Museum Santos Rocha

Formerly Figueira da Foz Municipal Museum



Santo António.
Madeira polichromada,
século XVIII.

Santo António (St. Anthony),
polychrome wood,
18th century.

Nasceu a 6 de maio de 1894, este museu municipal vocacionado para o estudo dos diversos ramos das ciências humanas. Criado por iniciativa do arqueólogo António dos Santos Rocha (1853-1910) com o intuito de abrigar num só espaço o importante espólio reunido ao longo das campanhas arqueológicas levadas a cabo sobretudo na serra da Boa Viagem, foi provisoriamente instalado na Casa do Paço, mudando-se depois para os Paços do Concelho onde ficou até 1975 quando ganhou casa própria num edifício construído para o efeito, fruto de uma parceria entre a Câmara Municipal e a Fundação Calouste Gulbenkian.

A saga que aqui se narra começa em 1892, quando o fundador do museu endereçou à edilidade da Figueira da Foz o seguinte texto: «Offício do Bacharel António dos Santos Rocha, d'esta Cidade, de 22 do corrente, que tendo há mezes exposto verbalmente ao Presidente d'esta Câmara a conveniência de instituir nesta cidade um muzeu municipal, destinado principalmente agoardar (sic) e expor os resultados que desde 1886 tem empreendido sobre a Prehistoria do Concelho, evitando que collecções ethnographicas e anthropologicas de alguma importancia que de direito pertencem á Figueira, vão ornar outros muzeus, ou se percam no futuro entre mãos de particulares. [...] administrar e ornar o muzeu, gratuitamente enquanto outro mais apto não tomar exclusivamente esse cargo»¹.

¹ Livro de Atas... das sessões da Câmara Municipal (da Figueira da Foz), n.º 37, com termo de abertura de 8 de Janeiro de 1892 e término na ata de 28 de Dezembro de 1892.

² Book of Minutes... of the sessions of the Town Hall (of Figueira da Foz), no. 37, with the opening entry being on 8th January 1892 and the minutes closing on 28th December 1892.

Founded on 6th May 1894, this municipal museum is dedicated to the study of the various branches of human sciences. It was created on the initiative of the archaeologist António dos Santos Rocha (1853-1910), whose intention was to house, in a single space, the important collection gathered during the archaeological campaigns carried out mainly in the mountain range of Boa Viagem. Provisionally installed in the Casa do Paço, it was later moved to the Town Hall where it remained until 1975. This year saw it finally given its own purpose-built home, the result of a partnership between the Town Hall and the Calouste Gulbenkian Foundation.

The story told here begins in 1892, when the museum's founder sent the following text to the Figueira da Foz Town Hall: "Official communication from António dos Santos Rocha B.A., of this Town, dated the 22nd of the current month, after having explained directly some months ago to the Mayor the benefits of having a municipal museum in the town. This museum would be primarily dedicated to housing and exhibiting the results that, since 1886, have been achieved in revealing the Prehistory of the Municipality. This would prevent ethnographic and anthropological collections of some importance belonging to Figueira by right going to other museums, or being lost in the future by falling into the hands of private individuals. (...) [He offers] to organise and administer the museum, free of charge, until an apter body undertakes this responsibility exclusively."²

Impõe-se ainda uma referência às reservas, espaço de bastidores hoje visitável, meticulosamente organizado e encenado. Percorrê-las é descobrir todo um universo heteróclito de peças que aguardam a sua vez para subir ao palco principal da exposição do museu. Armaria, mobiliário, máquinas fotográficas, etnografia de África, Brasil e Oriente, um mundo fascinante recheado de surpresas.

Entre os objetos mais inesperados está a armadura de um samurai (guerreiro japonês), doada ao museu pelo general Adolfo Ferreira de Loureiro, o responsável pelas obras da barra do porto da Figueira. Sabe-se que visitou o Oriente em viagem de estudo mas não há provas de que tenha chegado ao Japão. Em Macau ou em Hong Kong terá adquirido esta peça compósita, reconstruída por um antiquário que a refez com as mangas de uma armadura, a couraça de outra e o capacete de uma terceira. Já na posse do museu, seria restaurada pelo antigo Instituto José de Figueiredo (hoje Instituto Português de Conservação e Restauro).

Sala de Etnografia.
Tecidos de Timor.
Século XIX.

Ethnography Room.
Fabrics from Timor.
19th century.



Sala de Etnografia.
Objetos de Angola.
Século XIX.

Ethnography Room.
Exhibits from Angola.
19th century.

The museum reserve should also be mentioned. This behind the scenes' area, meticulously organized and displayed, can be visited today. To stroll through this area is to discover a whole world of varied pieces awaiting their turn to take the museum's main exhibition stage: armoury, furniture, cameras, African, Brazilian and Eastern ethnography; a fascinating world full of surprises.

Among the most unexpected objects is a samurai's armour, donated to the museum by General Adolfo Ferreira de Loureiro, the person responsible for the construction of the bar for Figueira harbour. It is known that he visited the Orient on a study trip, but there is no proof that he went to Japan. He may have bought this composite piece in Macao or Hong Kong, rebuilt by an antique dealer who matched it with sleeves from one suit of armour, the cuirass (to cover the torso) from another and the helmet from a third. Already in the museum's possession, it would be restored by the former Instituto José de Figueiredo (José de Figueiredo Institute), today the Instituto Português de Conservação e Restauro (Portuguese Institute of Conservation and Restoration).

Sala de Etnografia.
Angola.
Figura de poder.
Século XIX.

Ethnography Room.
Angola.
Figure of Power.
19th century.



1894 Museu Municipal de Faro

Antigo Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique

Faro Municipal Museum

Formerly the Henry the Navigator
Archaeological and Lapidary Museum



Fundado a 4 de março de 1894 como Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique, o atual Museu Municipal de Faro é o guardião de memórias identitárias da cidade, desde a época romana à contemporaneidade. Reúne hoje um acervo de cerca de quinze mil peças, distribuídas por cerca de trinta coleções.

Instalado desde 1973 no Convento de Nossa Senhora da Assunção, no centro histórico da cidade, o edifício perfila-se hoje como peça fundamental do acervo deste museu, inaugurado em 1894 – ano em que se comemorava o quinto centenário do nascimento do infante D. Henrique (1394-1460) –, e inicialmente sediado em três salas dos Paços do Concelho. Foi seu primeiro diretor Monsenhor Boto (1851-1907), a ele se devendo o núcleo inicial da coleção, num total de duzentas e dezoito peças, conjunto de artefactos arqueológicos que testemunha a preocupação romântica com a salvaguarda do património, da identidade, mais ainda num momento em que um sentimento de humilhação nacional se espalhou pelo país na sequência da capitulação portuguesa perante o *Ultimatum* britânico. Seria, contudo, preciso esperar até 1897 para assistir à inauguração solene do museu, na presença da família real, cuja viagem ao Algarve sofrera adiamentos sucessivos ao longo de oito anos.

Founded on 4th March 1894 as the Museu Arqueológico e Lapidar Infante D. Henrique (the Henry the Navigator Archaeological and Lapidary Museum), today's Museu Municipal de Faro (Faro Municipal Museum) is the custodian of city memories from Roman times to the present day. It has brought a collection of about 15,000 pieces together, divided into around thirty separate collections.

Installed, since 1973, in the Convent of Nossa Senhora da Assunção in Faro's historic centre, a building commissioned by Queen Leonor (1458-1525), it is now a fundamental part of the museum. It was inaugurated in 1894, the year in which the 5th centenary of Prince Henry the Navigator's birth was celebrated (1394-1460), and initially based in three rooms of the Paços do Concelho (or City Hall). It was its first director, Monsignor Boto (1851-1907), who provided the museum's first exhibits – a total of 218 pieces –, a collection of archaeological artefacts testifying to the romantic concern with the safeguarding of heritage and identity. This was an even more pressing need at a time when a sense of national humiliation had spread throughout the country following the Portuguese capitulation to the British Ultimatum. It was, however, only in 1897 that the museum was formally opened, in the presence of the royal family, whose journey to the Algarve had suffered successive postponements over various years.



Detalhe do claustro do Museu Municipal de Faro. Piso inferior.

Detail of the cloister at Faro Municipal Museum. Ground floor.



... e a sua importância para a história da região.
 ... e a sua importância para a história da região.
 ... e a sua importância para a história da região.

«Caminhos do Algarve Romanos».
 Exposição de longa duração.

"Pathways through the Roman Algarve".
 Long-term exhibition.

Deambular pelo museu é urdir uma linha de tempo, fio a fio, camada a camada, até tecer uma visão estruturante da ocupação deste território.
 A epigrafia – estudo e interpretação de epígrafes, inscrições antigas em materiais sólidos como pedra, madeira ou metal – está no centro de «Caminhos do Algarve Romanos», exposição que reúne o núcleo primitivo recolhido por Monsenhor Boto. A mostra divide-se em três núcleos: o primeiro, anterior à presença romana, marcado pela escrita do Sudoeste, o mais antigo e misterioso sistema alfabético conhecido na Península Ibérica; o segundo, mais monumental, que reflete a presença romana em Ossónoba, e que apresenta elementos arquitetónicos comuns a qualquer outra zona do Império Romano (é o caso das colunas – bases, fustes e capitéis –, características da arquitetura desse período em vários pontos do império); por último, a epigrafia funerária, recuperada das várias necrópoles descobertas na cidade de Faro e arredores. Dos registos mais íntimos às dedicatórias oficiais, os cidadãos de Ossónoba eternizaram na pedra homenagens e sentimentos.

To wander through the museum is to create a timeline, piece by piece, layer by layer, until we arrive at a complete overview of how the territory was occupied.
 Epigraphy – the study and interpretation of epigraphs, old inscriptions on material such as stone, wood or metal – is at the centre of "Caminhos do Algarve Romano" (Pathways through the Roman Algarve), which brings together the original pieces collected by Monsignor Boto. The exhibition is divided into three groups: the first, before the coming of the Romans, is marked by the Southwestern writing, the oldest and most mysterious alphabetic system known in the Iberian Peninsula; the second, more monumental, reflects the Roman presence in Ossónoba, displaying architectural features common to any other part of the Roman Empire (for example, the columns with their bases, shafts and capitals, characteristics of the period's architecture in several points of the empire); finally, funeral epigraphy, recovered from the various ancient cemeteries discovered in the city of Faro and its surroundings. From the most intimate statements to official dedications, the citizens of Ossónoba eternalised their tributes and feelings in stone.

Claustro do museu.
 Piso inferior.
 Museum Cloister.
 Ground floor.

